



WWF

PROJETO

BRA

2015



PECUÁRIA SUSTENTÁVEL NO PANTANAL

10 anos (2004 - 2014)

MEMÓRIA DO PROJETO QUE REÚNE A CADEIA
PRODUTIVA DE CARNE BOVINA E O WWF-BRASIL
NO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO BIOMA

Organização

Maria Benevides (Quartzo Comunicações)

Coordenação editorial e entrevistas

Maria Benevides (Quartzo Comunicações)

Revisão de textos

Thaís Lima

Letícia Campos

Projeto Gráfico e Editoração

Eduardo Guimarães

Revisão ortográfica

Thaís Lima

Letícia Campos

Revisão técnica

Ivens Domingos

Foto de Capa

Acervo do WWF

Pecuária Sustentável no Pantanal 10 anos (2004-2014) - Memória do Projeto que reúne a cadeia produtiva de carne bovina e o WWF-Brasil no desenvolvimento sustentável do bioma. Brasília - DF, 2015: WWF-Brasil.

36 p.: il. Color.: 21x29,7 cm.

Tipo de Suporte: INTERNET

Bibliografia

[ISBN: 978-85-5574-009-1]

1. 1. Pecuária Sustentável; 2. WWF-Brasil; 3. Cadeia produtiva de carne bovina.

PECUÁRIA SUSTENTÁVEL NO PANTANAL

10 anos (2004 - 2014)

MEMÓRIA DO PROJETO QUE REÚNE A CADEIA
PRODUTIVA DE CARNE BOVINA E O WWF-BRASIL
NO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO BIOMA

REALIZAÇÃO WWF - BRASIL



Dezembro de 2015



ÍNDICE

APRESENTAÇÃO	5
INTRODUÇÃO	7
APRENDENDO A LINGUAGEM DO CAMPO	9
ESTRUTURAÇÃO DA CADEIA PRODUTIVA	13
A HISTÓRIA SEGUNDO OS ATORES	17
PRODUTOR	17
FORJANDO PARCERIAS	21
COMPRADOR	24
TODOS OS ELOS DA CADEIA	27
EXPANSÃO AMÉRICA LATINA	29
PRÓXIMOS PASSOS	31
LINHA DO TEMPO	31
REFERÊNCIAS	35



10 ANOS DE PECUÁRIA SUSTENTÁVEL

O WWF-Brasil iniciou, em 2003, um trabalho pioneiro com a pecuária sustentável no Pantanal. A região, que é considerada uma das maiores planícies alagadas do mundo e, por isso, recebe o título de “reino das águas” tem como principal atividade econômica a pecuária.

A parceria com o setor produtivo é de fundamental importância para que nossa missão de produzir em harmonia com a natureza seja alcançada garantindo a sustentabilidade socioambiental e econômica para esta e as futuras gerações.

Nossa visão de conservação para o Pantanal é a de tentar ao máximo manter a biodiversidade biológica e os processos ecológicos em toda a Bacia do Alto Paraguai e, ao mesmo tempo, promover oportunidades de desenvolvimento sustentável para a região, tornando a região um exemplo de uso racional de áreas úmidas para o mundo e permitindo que a cultura regional seja valorizada.

Por meio do Programa Cerrado Pantanal, a organização já apoiou a certificação de 140 mil hectares com pecuária sustentável, no Mato Grosso do Sul, produzida com critérios de responsabilidade socioambiental e remunerando a produção que segue valores de sustentabilidade ambiental e social no Pantanal.

Além disso, apoia associações de pecuaristas na análise e busca de mercados, estímulo de boas práticas produtivas, articulação com os segmentos da cadeia de carne bovina e na divulgação do produto como alternativa de uma alimentação saudável.

É preciso dar escala a essas experiências, por isso o trabalho iniciado no Pantanal está se expandindo para o Cerrado, Amazônia e além da fronteira: Bolívia e Paraguai.

Nesta publicação “10 anos de Pecuária Sustentável no Pantanal” mostramos como foi construído o trabalho entre os anos de 2003 e 2014. É uma memória do projeto que reúne a cadeia produtiva e a participação do WWF-Brasil no desenvolvimento sustentável no bioma. Um resumo sobre nosso trabalho e as discussões acerca dos critérios de desenvolvimento da atividade, em todos os elos que compõem a sua cadeia. Além de ter depoimentos de pessoas que participaram da construção do trabalho.

Julio Cesar Sampaio

Coordenador do Programa Cerrado Pantanal do WWF-Brasil



INTRODUÇÃO

Maior planície alagada do planeta, o Pantanal é um imenso reservatório de água doce com funções importantes, como ajudar a estabilizar o clima e a conservar o solo.

Com 210 mil km², no Brasil o bioma se divide entre os estados do Mato Grosso do Sul (65%) e Mato Grosso (35%) e se estende também ao norte do Paraguai e leste da Bolívia, onde é chamado de Chaco.

Estudos da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) mostram que há vários pantanais. Onze ao todo, com características próprias de solo, vegetação e clima.

A rica biodiversidade reúne 4,7 mil espécies conhecidas de animais vertebrados e plantas, que vão de grandes mamíferos, como onças e cervos do Pantanal, a 3,5 mil espécies vegetais, entre elas o buriti e o capim-mimoso; de grandes répteis, a exemplo da sucuri e da jararaca, a 659 aves. Algumas delas emblemáticas como garças, araras, falcões e o tuiuiu, pássaro símbolo da região; além de mais espécies de peixes do que em toda a Europa. Das 263, o maior é o jaú, um bagre gigante que chega a medir mais de um metro e pesar 120 quilos.

Várias espécies ameaçadas habitam o Pantanal, como o lobo-guará, o jacaré e a arara azul. Esta última, objeto de um projeto de preservação apoiado pelo WWF-Brasil durante dez anos com o Instituto Arara Azul.

As enchentes ocorrem nos meses de chuva (dezembro e janeiro) quando aumenta o volume dos rios que cortam a região. Sem muita inclinação, as planícies pantaneiras retêm as águas. O solo pouco permeável não é capaz de absorver todo o volume e 80% da superfície do Pantanal é inundada, formando lagoas, baías, pântanos e brejos, que permanecem ligados através dos cursos dos rios.

As planícies de 80 a 150 metros têm um declive tão pequeno que as águas que descem nas cabeceiras do rio Paraguai demoram até quatro meses para percorrer o seu trajeto sinuoso no Mato Grosso do Sul e atravessar o Pantanal.

O volume é impressionante: no período das cheias, são 180 milhões de litros despejados por dia nos rios pantaneiros, dentre os quais o Cuiabá, o São Lourenço, o Aquidauana e o Paraguai. Eles fazem parte da bacia do Rio da Prata, que engloba grande parte do sudoeste brasileiro.

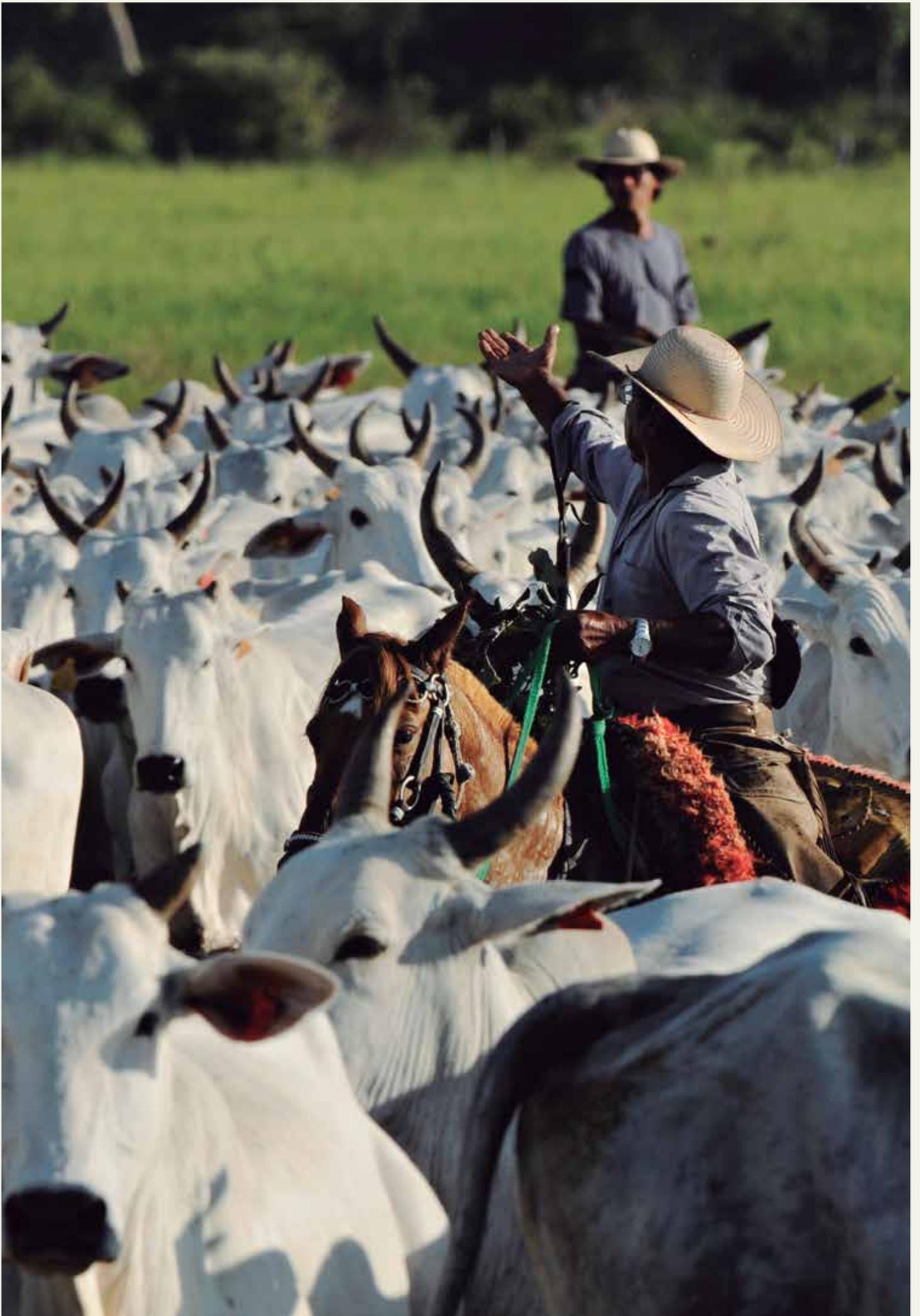
Com vários tipos de gramíneas (pastos) naturais e a fertilidade das regiões alagadas todos os anos - que recebem uma camada de material orgânico misturado com sedimentos vindos dos planaltos ao seu redor - o Pantanal atraiu a pecuária, que tem sido praticada de forma extensiva na região desde o século XVIII.

Principal atividade econômica da região, a pecuária pantaneira com baixíssima lotação (0,33 cabeça/hectare) e pouco impacto sobre o meio ambiente, perdeu a competitividade e na última virada do século famílias que criavam gado há 100 ou 200 anos começaram a ir embora e dar lugar a pecuaristas vindos de outras regiões, cujas práticas agrediam o sensível ecossistema.

O século XXI viu o rebanho bovino brasileiro tornar-se o segundo maior do planeta (atrás da Índia) e o país assumir a liderança como maior exportador de carne do mundo. O consumo interno também aumentou e hoje está em torno de 38 quilos per capita. Com 21 milhões de cabeças, o rebanho do Mato Grosso do Sul corresponde a aproximadamente 10% dos bovinos do país. Já Mato Grosso com 28,3 milhões de cabeças, é o estado, com o maior rebanho do país. (IBGE – PPM 2013)

Mesmo estando bastante preservado, apenas 4,4% das terras do bioma são protegidas por Unidades de Conservação (parques, reservas e áreas particulares de preservação). Isso, apesar da planície pantaneira e dos planaltos adjacentes, onde estão as nascentes de seus rios, terem sido declarados Reserva da Biosfera pela Unesco em 2000, e de toda a região ser considerada Patrimônio Natural Mundial.

Desde 2004, o Programa Cerrado Pantanal do WWF-Brasil trabalha em parceria com produtores rurais para apoiá-los a desenvolver e comercializar uma cadeia de produção de pecuária sustentável, preservando assim os 86% do bioma ainda conservados. Esta publicação conta como foi o processo de envolvimento de uma ONG voltada para a conservação em um projeto de Pecuária Sustentável, que hoje está em processo de expansão dentro e fora do país.



APRENDENDO A LINGUAGEM DO CAMPO

“Como é que você vai chegar com a camiseta do panda e convencer os pecuaristas a trabalharem contigo?” A pergunta, feita durante a entrevista para recrutar um funcionário ligado à área agrária para o WWF-Brasil em Campo Grande, capital do Mato Grosso do Sul, tinha como objetivo testar a habilidade dos candidatos para trabalhar em campo, lado a lado com pecuaristas pantaneiros.

Ao ouvi-la, o veterinário Ivens Domingos lembrou-se imediatamente de uma frase ouvida de um fazendeiro e a usou como resposta: “Gente é que nem cavalo; tem o lado certo para chegar”. Quem monta sabe que é melhor se aproximar do cavalo pelo lado, normalmente o esquerdo, cautelosamente.

Sem experiência com pecuária ou animais de fazenda, Domingos acabara de sair do Exército, onde conseguiu manter seu trabalho com animais silvestres em diferentes postos e já morava há algum tempo em Campo Grande. Enquanto Oficial Veterinário Temporário num campo de instrução nas bordas do Pantanal, começou a ter contato com a cultura local e trabalhou como voluntário no Projeto Arara Azul.

Apesar da falta de experiência com animais de fazenda, a metáfora do fazendeiro mostrou que ele entendia o jeito direto e franco, mas meio desconfiado dos pantaneiros. O perfil técnico, aliado ao interesse legítimo pela conservação, garantiram sua contratação pelo WWF-Brasil em dezembro de 2003, quando passou a literalmente vestir a camiseta com o logo do panda para coordenar o projeto pioneiro da instituição ligado à pecuária sustentável. Um projeto que começou antes mesmo da decisão global de trabalhar com cadeias produtivas.

O que é a Iniciativa de Transformação de Mercados (MTI)

Somos uma organização voltada para a conservação da biodiversidade. Para fazer isso, temos que focar nos habitats mais importante do mundo. Lugares como a Amazônia, a Grande Barreira de Corais da Austrália, a Indonésia, a Bacia do Congo e o Ártico. Partes do planeta que são muito importantes para alcançar nosso objetivo de preservar a natureza.

Quando olhamos para as maiores ameaças a estes lugares, elas estão em sua maioria ligadas à produção de commodities relacionadas a alimentos, agricultura e a bens de consumo, como papel e fibras.

Fizemos o mapeamento de todos os lugares que queremos proteger e listamos as ameaças mais sérias a eles. O quadro mostrou que cerca de 15 commodities provocavam desmatamento, destruição dos habitats ou perda de recursos naturais. Commodities como carne, soja, óleo de palma (dendê), madeira, pasta de papel, cana-de-açúcar, algodão e piscicultura de algumas espécies de pesca selvagem.

Aí tentamos descobrir que tipo de commodities estavam ligadas a lugares específicos e buscamos engajar o setor privado a comandar as mudanças. Isso porque elas podem acontecer de forma bastante rápida quando iniciadas por empresas e suas cadeias

EM ALGUNS CASOS É MUITO DIFÍCIL MUDAR POLÍTICAS PÚBLICAS, MAS SE VOCÊ TRABALHA DIRETAMENTE COM EMPRESAS, ELAS TÊM A CAPACIDADE DE CRIAR MUDANÇAS DE FORMA BEM ACELERADA

de produção. Em alguns casos é muito difícil mudar políticas públicas, mas se você trabalha diretamente com empresas, elas têm a capacidade de criar mudanças de forma bem acelerada.

Também é do interesse delas, principalmente das que lidam diretamente com o consumidor, serem vistas como responsáveis tanto do ponto de vista da reputação, como do da marca. Ser citada como fornecedora de produtos sustentáveis é bom para os negócios. Elas querem ser retratadas fazendo a coisa certa.

Fizemos uma análise e descobrimos que o comércio global de commodities é dominado por cerca de 100 companhias e suas cadeias de produção. E vimos que se trabalhássemos com elas, teríamos uma boa chance de reduzir os impactos sobre a natureza.

Nos últimos sete anos, a Rede WWF tem tido sucesso trabalhando com grandes empresas globais como Unilever, Procter & Gamble, McDonald's e com "traders" como a Cargill. Estimulando as mudanças e conseguindo que elas se comprometam com matérias-primas sustentáveis para seus produtos. Ajudando-as a formar mesas redondas reunindo toda a cadeia produtiva para criar padrões globais de produção e certificação de produtos.

Como há mais de um bilhão de fazendeiros no mundo, temos que ser bem estratégicos em como vamos nos ligar a eles, no início da cadeia de produção. Não podemos trabalhar com todos, mas podemos encontrar parceiros estratégicos e modelos de colaboração. E isso é importante, não só para construir a credibilidade do WWF, mas também para entender de verdade que mudanças são necessárias no campo.

Entender a realidade dos fazendeiros nos ensina também a compreender as mudanças que vamos buscar do ponto de vista do meio ambiente, para que a produção seja mais sustentável.

Já fomos criticados por trabalhar com pecuaristas no Brasil, nos Estados Unidos e na Austrália. Alguns ambientalistas dizem que carne nunca vai ser sustentável. Estão olhando puramente da perspectiva da emissão de gases do efeito estufa e dos recursos utilizados. Mas as pessoas vão continuar a comer carne e a indústria não vai desaparecer de uma hora para outra. Comer carne é uma opção pessoal.

Além disso, muito gado é criado em lugares que não servem para agricultura e estas terras não vão virar floresta ou parque. São terras privadas. É melhor que elas existam em fazendas sustentáveis, em ambientes onde pássaros e outros herbívoros podem viver. É possível que fazendas de pecuária contribuam para a biodiversidade. Eu vi jacarés num lago, dentro de uma fazenda de pecuária no pantanal.

O Programa Pantanal, além de ser nosso programa mais antigo com a cadeia da carne é um bom exemplo de como podemos trabalhar com a indústria em práticas de produção sustentável, ajudar a melhorar a condição de vida de trabalhadores e ainda proteger um ecossistema muito importante.

Alexander Bjork

Gerente da Cadeia de Agropecuária
Iniciativa de Transformação de Mercados – WWF - US



**O REBANHO BRASILEIRO
É O SEGUNDO MAIOR
DO PLANETA**

Alguns anos antes, em 1998, o WWF-Brasil montou o Programa Pantanal para Sempre com linhas de atuação voltadas para o Pantanal num sentido mais amplo, da Bacia Hidrográfica do Alto Paraguai. Uma área que além do Pantanal, inclui parte do bioma Cerrado no Mato Grosso (MT) e Mato Grosso do Sul (MS) e tem 61% de sua área no Brasil, 20,4% na Bolívia e 18,6% no Paraguai.

O Programa era bastante audacioso e tinha a intenção de tornar-se um programa de longo prazo, daí o “para sempre”. Bernadete Lange era a Coordenadora do Programa e lembra que parcerias foram criadas para estimular ações de produção de couro de peixe, de educação ambiental e conscientização de cunho local. Mas sendo a pecuária a principal atividade da região, seria impossível conciliar desenvolvimento e conservação de recursos naturais, sem incluí-la.

“Apostamos na pesquisa da aplicação da pecuária orgânica certificada como uma alternativa para atingir este objetivo”, escreveu Lange em um artigo, em maio de 2004. “Certificada porque não basta apenas a qualificação de orgânica”. Com certificação, é possível rastrear o corte de carne até à fazenda onde o animal foi criado e obter seu histórico.

Lange afirma que seria impossível pensar no Pantanal sem uma parceria com a Embrapa Pantanal, a unidade no bioma da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, que trabalha desde 1975 estudando a importância ambiental e o potencial produtivo da região, com o objetivo de realizar pesquisas na área da pecuária em temas como manejo e pastagens.

A conservação do meio ambiente, o bem-estar animal e as condições de trabalho adequadas foram os três pilares adotados nas parcerias e a base para todos os protocolos de carne orgânica e sustentável adotados no futuro.



**A PECUÁRIA É A PRINCIPAL
ATIVIDADE ECONÔMICA
DO PANTANAL**



@Adriano Gambarini / WWF-Brasil



ESTRUTURAÇÃO DA CADEIA PRODUTIVA

Os primeiros parceiros do WWF-Brasil foram Homero Figliolini, fundador e presidente da Associação Brasileira de Pecuária Orgânica (ABPO), criada em 2001, e Arnaldo Eysink, líder de um grupo de pecuaristas orgânicos em Tangará da Serra, Mato Grosso. Eysink trabalhava para o grupo JD, dono da Fazenda São Marcelo - a primeira fazenda de gado de corte orgânico certificado no país.

A parceria com os produtores se estendeu ainda à Embrapa Pantanal, com um projeto para identificar as condições específicas e a escala da viabilidade da pecuária orgânica no Pantanal.

Hoje trabalhando como especialista ambiental sênior do Banco Mundial, Bernadete Lange lembra que existia uma discussão entre instituições ligadas à conservação e pecuaristas da região sobre a pecuária ser ou não um benefício para o Pantanal e sobre formas de torná-la mais harmônica com a questão da conservação.

“A pecuária orgânica sempre foi o pano de fundo destes questionamentos, tanto na parceria com a Embrapa Pantanal, como na com os pecuaristas”, Eysink.

A Embrapa Pantanal fez o primeiro estudo para identificar a matriz produtiva da pecuária orgânica certificada do Pantanal e descobrir onde a criação do gado orgânico certificado seria mais rentável nos diferentes micro biomas do Pantanal. Além de estudar em que estágio o abate seria melhor e mais lucrativo para os produtores pantaneiros.

A ABPO já havia conseguido a criação de uma linha de crédito de longo prazo pelo Banco do Brasil específica para a pecuária orgânica, chamada Pró-Natureza, que ainda existe. A fazenda Eldorado, de Figliolini, com cinco mil cabeças, foi a primeira a obter a certificação orgânica no Mato Grosso do Sul, concedida pelo Instituto Biodinâmico (IBD), então a única empresa certificadora de carne orgânica do Brasil.

Uma empresa certificada pelo Instituto Biodinâmico (IBD) foi contratada pelo WWF-Brasil para realizar um curso de capacitação em pecuária orgânica com integrantes de instituições chave na cadeia de carne do Pantanal, com apoio da Federação de agricultura de Mato Grosso do Sul (Famasul).

Como agente articulador de promoção do desenvolvimento sustentável, o WWF-Brasil iniciava o que seria uma longa parceria e começava a mudar a forma com que os produtores viam a ONG.

O pantaneiro João Ildelfonso relembra que havia na época “uma certa restrição por parte dos pantaneiros em se tratando de ONGs atuando no Pantanal. O Homero me convenceu do projeto e passei a dialogar com vários pantaneiros e explicar as vantagens e o quanto seria benéfico para nós ter uma organização não governamental nos dando treinamento profissional e apoio”.

Formado em economia e preocupado com a perda da competitividade do gado pantaneiro, Figliolini via famílias que estavam no Pantanal há 100-200 anos, começarem a ir embora por não conseguirem mais manter a rentabilidade dos negócios. E serem substituídas por produtores que “não tinham compromisso com o cenário e a beleza do Pantanal.”

A saída vista por ele para valorizar a cultura e a tradição pantaneiras, que convivem de forma relativamente equilibrada com a natureza, era garantir um prêmio pago pelos frigoríficos a uma carne diferenciada e certificada, para compensar a perda de competitividade.

“Fiz pesquisas e via duas grandes oportunidades para o Pantanal: pecuária orgânica e turismo ecológico. Mas o turismo só podia ser feito nas bordas, porque ficaria muito caro transportar os turistas de avião até o meio do Pantanal ou muito demorado para que eles chegassem e partissem dependendo da época do ano.”

O pesquisador da Embrapa Pantanal, Urbano Gomes de Abreu, explica que a atividade pastoril é forte dentro da cultura pantaneira. As cheias e as secas obrigam os boiadeiros a movimentarem o gado, impedem a criação intensiva e ajudaram a preservar o Pantanal. O gado precisa viajar para engordar nas fazendas do planalto e poder seguir para abate.

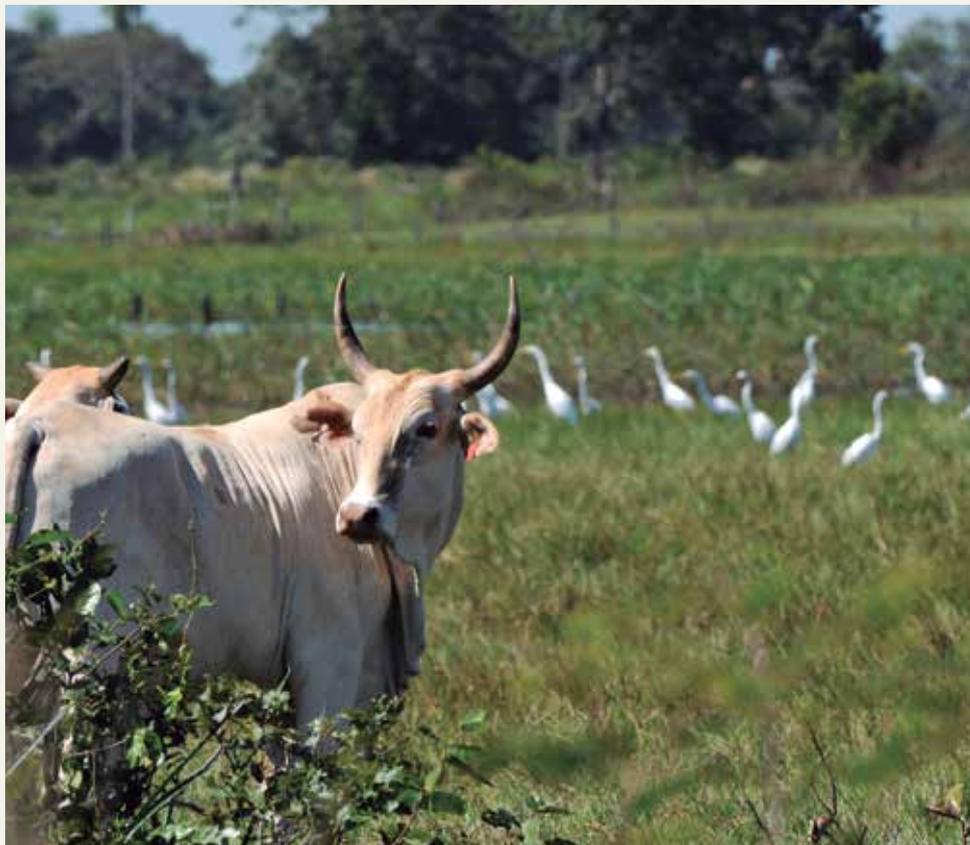
A planície não comporta a criação intensiva e várias das tecnologias modernas, como a introdução de pastos exóticos africanos: “É recente a tentativa de produtores de fora de tentar trazer pastagens exóticas. E provoca desequilíbrios, porque quem come o pasto do Pantanal não é só o gado,” diz Júlio César Sampaio, atual Coordenador do Programa, que hoje chama-se Cerrado Pantanal.

A valorização da cultura e da tradição pantaneira são importantes para a conservação ambiental da região na visão de Ivens Domingos. “A busca pela melhoria da eficiência a partir das parcerias com a Embrapa Pantanal e mais tarde com a Embrapa Gado de Corte, e a implementação de boas práticas, ajudam a ampliar o respeito ao meio ambiente e a fixar o pecuarista pantaneiro na região.”

Figliolini conta que no início foi relativamente fácil atrair associados para a ABPO. Economista de formação, ele tinha um argumento persuasivo: se conseguissem manter os custos e obter um prêmio de 10% para a carne orgânica, o lucro dobraria.

O mais difícil foi fazê-los aceitar o apoio do WWF-Brasil à ABPO: “O pecuarista, principalmente o pantaneiro, é um cara tradicionalista, avesso a novidades. Foi até um pouco de falha das ONGs que criaram muitos problemas para os pantaneiros, mas com o tempo conseguimos mostrar que a parceria rendia frutos”.

**AS CHEIAS E AS SECAS
OBRIGAM OS BOIADEIROS A
MOVIMENTAREM O GADO,
IMPEDEM A CRIAÇÃO
INTENSIVA E AJUDAM A
PRESERVAR O PANTANAL**



@Adriano Gambarini / WWF-Brasil

**A VALORIZAÇÃO DA CULTURA
E DA TRADIÇÃO PANTANEIRA
SÃO IMPORTANTES
PARA A CONSERVAÇÃO
AMBIENTAL DA REGIÃO**



@ Adriano Gambarini / WWF-Brasil

Leonardo de Barros, atual presidente da ABPO, vê Figliolini como um visionário: “Ele pensou: eu tenho a pecuária mais sustentável do mundo, porque a vegetação nativa da região está preservada e ninguém me paga nada por isso. Pelo contrário, sou penalizado, meu transporte é mais caro, meus colaboradores não têm acesso a hospitais ou escolas. Tenho que vender meu gado mais barato, porque está longe do centro consumidor. Ele vislumbrou um mercado consumidor interessado em produtos sustentáveis”.

Segundo Alexander Bjork, do WWF norte-americano, uma das grandes lições do Programa Cerrado Pantanal que ajudou na aproximação da instituição com fazendeiros norte-americanos “é que temos que formar relacionamentos de longo prazo e que estes relacionamentos precisam começar da confiança mútua”.

Bjork, que esteve no Pantanal há dois anos visitando o projeto com membros da Mesa Redonda de Carne Sustentável (Roundtable of Sustainable Beef), constatou que Domingos “fala a língua dos fazendeiros” e ve-lo interagindo com eles confirmou que a confiança é a palavra-chave para definir a razão do sucesso das parcerias e da estruturação da cadeia produtiva da carne orgânica no Pantanal.

“Mudanças duradouras têm que ser lideradas pelos fazendeiros”, diz Bjork. “E há outra lição importante: fazendeiros aprendem com outros fazendeiros e pecuaristas com outros pecuaristas”. Como a disponibilidade de produtores para ouvir o que uma ONG tem a dizer pode não ser muito grande, o ideal para ele é encontrar situações como a do Pantanal brasileiro, na qual é possível identificar fazendeiros interessados em inovar, aprender e compartilhar boas práticas. “Aí podemos elogiar e comemorar as coisas boas que eles estão fazendo, sabendo que outros pecuaristas irão aprender com eles”.

Ao final de 2005, com as parcerias institucionalizadas e em pleno funcionamento, a ABPO fechou o ano com aproximadamente 60 mil hectares certificados e 16 associados. O grupo liderado por Eysink criou naquele ano a Associação Brasileira de Produtores de Animais Orgânicos (Aspranor), que começou a tomar forma nos bastidores do 1º Seminário de Pecuária Orgânica Certificada. E, como o nome sugere, incluía suínos, ovinos e aves. A nova associação fechou o ano com 24,7 mil hectares certificados no Mato Grosso.

Os pecuaristas com fazendas certificadas estavam todos dentro da área de atuação da Bacia Hidrográfica do Alto Paraguai.



A HISTÓRIA SEGUNDO OS ATORES

Pecuarista: Homero Figliolini

Na fazenda Eldorado, de 15 mil hectares, não foram necessárias grandes modificações no processo para adaptação à pecuária orgânica. Foi super tranquilo.

O mais difícil foi mudar a mentalidade dos peões, o que a gente conseguiu com o tempo. O bem-estar animal é uma coisa muito recomendada pela pecuária orgânica e aquele negócio de grito, de cutucar o animal não podia mais. A gente procurou fazer com uma metodologia mais tranquila.

O segundo problema foi o uso muito mais restrito de produtos veterinários. Com o tempo a gente foi inculcando esta nova cultura, fomos nos adaptando.

A Embrapa Pantanal também deu uma mão muito boa. Conseguiram provar que procedimentos não causavam danos ao animal e nem ao meio ambiente e eram produtos proibidos pelo Instituto Biodinâmico, nosso certificador.

Uma grande conquista foi termos conseguido a permissão de dar uma dose de 1 ml de Ivomec, um vermífugo (antiparasitário) no bezerro recém-nascido. Este remédio ajuda a não infeccionar o umbigo do bezerro.

Os estudos mostraram que o remédio não prejudicava nem a cadeia de insetos que fica em volta das fezes dos bezerros, ainda bem líquidas, e nem chegava a comprometer o solo. A Embrapa fez uma recomendação, o que respaldou a liberação do uso dentro das práticas de pecuária certificada.

A participação da Embrapa ajudou bastante, inclusive para mostrar a viabilidade do projeto. Passamos a ir anualmente à BioFach em Nuremberg. Eu dava palestras no Brasil inteiro.

Havia muita curiosidade, mas no lado comercial ainda era muito difícil. Não tínhamos o gado acabado. O que isto quer dizer? O boi gordo para abater.

O dono do frigorífico Independência era um entusiasta. Faziam a terminação em uma fazenda de Nova Andradina, no MS, e a produção final.

Aí fui apresentado ao Ivens do WWF-Brasil. Ele era muito ativo no desenvolvimento da Bacia do Alto Paraguai e já tinha uma parceria com o pessoal das fazendas do Carrefour, em Mato Grosso.

Pela primeira vez começamos a conversar com uma ONG ambientalista tocando não só no aspecto de conservação, mas também em rentabilidade para o produtor. Isso mudou a percepção e os fazendeiros começaram a olhar o WWF-Brasil de um modo diferente. Foi um marco.

Antes era uma briga total. O fazendeiro não queria ouvir nenhuma ONG conservacionista, porque elas achavam que todos os fazendeiros eram predadores. Ninguém se entendia.

Foi a primeira vez que uma organização não governamental começou a olhar pelo lado do lucro dos produtores, da nossa sobrevivência.

A parceria com o WWF-Brasil também deu um respaldo muito bom ao projeto em termos de credibilidade internacional, juntamente com o selo do IBD.

Queríamos exportar e um distribuidor holandês, Quality Meat Market, de Devon, no Reino Unido, nos procurou. Eles distribuíaam cordeiro orgânico na Europa. Mas o negócio esbarrou em barreiras sanitárias e travou. (Mato Grosso do Sul ainda não estava livre de febre aftosa e o mercado comum europeu não permitia a importação).

Começamos a negociar com o JBS, mas meus irmãos decidiram vender a fazenda depois da morte do meu pai. Mudamos de ramo. Hoje temos um negócio com escolas de inglês em Campo Grande e a presidência da ABPO foi assumida pelo Leonardo de Barros.

Homero Figliolini

Ex-pecuarista e fundador da ABPO



@ Adriano Gambarini / WWF-Brasil

Pecuarista: Leonardo de Barros

A atividade pecuária na minha família já tem quatro gerações. Sou da terceira. O Pantanal tem esta vocação sustentável historicamente. São grandes extensões de terra que não precisaram ser desmatadas, porque têm capim nativo.

Temos pouca densidade demográfica, isolamento, cultura conservacionista e poucas modificações na paisagem.

Comecei a me interessar pela certificação orgânica há sete ou oito anos, quando vimos que poderia ser um diferencial, porque existia e ainda existe um consumidor que se interessa pelos produtos que tenha em seu processo produtivo um respeito maior pelo meio ambiente e pelas questões sociais.

Com meus irmãos tenho um condomínio de fazendas e mais de 15 mil cabeças. Certificamos a primeira, Estância Carolina. Deu certo e certificamos as outras de uma vez.

Conversei com Homero, ex-presidente da ABPO, e ele me disse que achava que poderia dobrar a rentabilidade, que era baixa, com certificação e selo orgânico.

Na verdade, a gente consegue agregar um pouco de valor ao produto, mas isso nunca passou de 10%. As certificações geram custos nos primeiros dois anos com processos burocráticos e de produção, porque muda totalmente a forma de produzir.

E finalmente, se você conseguir chegar nessas alianças mercadológicas, que é o trabalho final da ABPO, você começa a ganhar dinheiro com isso.

Mas foi uma caminhada muito difícil. O que a gente valoriza no produto é o prêmio pago pelo frigorífico.

Temos hoje outra aliança com varejistas e estamos fazendo com supermercados.

Não foi uma decisão ideológica. Qualquer revolução verde em qualquer tipo de pecuária virá de dois aspectos: um de negócios, em que sempre vai haver uma aliança entre produção e comercialização. E outro do consumidor final, quando faz suas escolhas de compra.

Isto é importantíssimo: se eu não tiver uma aliança de mercado dentro da cadeia de valor da carne e esta aliança não comunicar ao consumidor para que ele possa distinguir o que é sustentável, não se pode falar de pecuária sustentável.

O WWF-Brasil tem atuado nestes dois aspectos. Dando suporte à organização, nos dando poder de negociação quando se colocar ao lado da produção dizendo que apoia a venda da carne orgânica e sustentável da ABPO. O WWF-Brasil certifica isso e abrimos nossas propriedades para que a ONG tenha certeza que estamos atuando de forma correta.

A ABPO estava nascendo e precisava de apoio institucional. A parceria dura até hoje porque respeitamos nossas diferenças.

O WWF-Brasil decidiu atuar dentro da cadeia produtiva. Entender cada elo e tentar fomentar que toda a cadeia trabalhe em prol da sustentabilidade. É muito mais difícil, mas em contrapartida é muito mais efetivo.

Acredito que vamos revolucionar essa área, se o consumidor participar. Para isso, ele precisa de informação, que só vai chegar a ele no rótulo.



Raquel Brunelli D'Avila

Leonardo de Barros
Presidente da ABPO



FORJANDO PARCERIAS

Em 2005, a Embrapa Pantanal realizava o primeiro estudo de viabilidade econômica e produtiva na fazenda de Figliolini. Em 2011, a Embrapa Gado de Corte, outra unidade da instituição de pesquisa governamental se juntava à parceria e, em conjunto com o WWF-Brasil, produziu materiais didáticos de boas práticas para a pecuária sustentável, com instruções sobre cria, recria, engorda, manejo nutricional, manejo zootécnico, gestão ambiental e econômica da propriedade, conforto ambiental e bem-estar do animal, além de responsabilidades trabalhistas com os empregados.

Em 2009, uma oficina reunindo mais de 30 representantes de entidades da sociedade civil, produtores, universidades, centros de pesquisa e do governo estadual debateu boas práticas produtivas na pecuária bovina relacionadas ao menor impacto ambiental e melhoria de eficiência produtiva. Ao final foram selecionadas 16 boas práticas de consenso e realizado um exercício de priorização com 12 temas. Estas boas práticas foram a base para a produção das cartilhas e de implantação de projetos-piloto no campo.

Segundo o presidente da Embrapa Gado de Corte, Cleber Soares, essas ações voltadas para a produção sustentável contribuem de maneira efetiva para a produção de alimentos de melhor qualidade. “No caso da carne, maior maciez, suculência, melhor sabor,” garante.



@ Adriano Gambarini / WWF-Brasil

Boas Práticas Agropecuárias:

Conjunto de normas e procedimentos para tornar o sistema de produção mais eficiente e rentável, além de assegurar ao consumidor alimentos seguros, livres de contaminação química ou de outra natureza, produzidos de forma sustentável.

No caso da carne sustentável do Pantanal a produção é feita de forma ambientalmente correta, respeitando a legislação trabalhista, preservando o solo, buscando eficiência no uso de recursos naturais como a água, oferecendo conforto e bem-estar aos animais.

**O WWF-BRASIL
INFLUENCIOU, ESTIMULOU
E APOIOU DIVERSOS
ENCONTROS BUSCANDO
A ESTRUTURAÇÃO DA
CADEIA PRODUTIVA DA
CARNE ORGÂNICA**

Soares destaca que no trabalho conjunto, o WWF-Brasil leva as informações técnicas para o produtor rural de forma bem elaborada. Elas chegam de forma clara e de fácil compreensão, “o que facilita muito a aplicação daquele conhecimento”. Como prova, em 2015 mais de 40 propriedades já adotaram as boas práticas da cartilha produzida entre 2005 e 2006.

Além das cartilhas, duas unidades demonstrativas de boas práticas foram criadas de 2010 a 2014, com monitoramento de resultados. A fazenda Millenium em Maracaju (região de planalto) e Vó Teresa, em rio Verde (planície) foram escolhidas para mudar o modelo de manejo de pasto, criando um sistema de rodízio usando os princípios da agroecologia associados ao manejo geral: infraestrutura, manejo nutricional, manejo sanitário e reprodutivo. Os resultados preliminares estão sendo compilados e mostram grandes ganhos em algumas áreas. O custo do manejo sanitário da fazenda Millenium, por exemplo, foi de R\$ 2,00 por cabeça, contra uma média de R\$ 15,00 por cabeça em fazendas convencionais de corte, que usam medicamentos convencionais e não homeopatia e fitoterapia.

Outra prioridade no ano de 2005 foi auxiliar os produtores a encontrarem um mercado para o seu produto diferenciado. O WWF-Brasil encomendou o primeiro e único estudo de mercado realizado para a carne orgânica do Pantanal à empresa de Consultoria AgroSuisse. A pesquisa concluiu que 65,4% dos entrevistados não sabiam o que era carne orgânica. Nos estabelecimentos onde era vendida no varejo, a diferença entre os preços das carnes diferenciadas para os cortes orgânicos não era significativa e os cortes especiais de carne convencional tinham preços superiores aos seus similares orgânicos.

O WWF-Brasil influenciou, estimulou e apoiou diversos encontros buscando a estruturação da cadeia produtiva da carne orgânica. Em 2007, num deles, realizado paralelamente à BioFach América Latina (feira de orgânicos) ABPO, Aspranor, Grupo Carrefour e JBS-Friboi acertaram as bases para um contrato comercial entre as duas associações de produtores orgânicos e o frigorífico JBS para a carne comercializada como “Organic Beef Friboi”, que já vinha sendo comercializada desde 2004 através de contrato com a Aspranor.

A BioFach daquele ano também inaugurou a participação de uma ONG ambientalista em feiras do gênero. O WWF-Brasil tinha um stand para divulgar o trabalho de apoio e promoção da Carne Orgânica Certificada e Conservação do Pantanal, com o Programa Cerrado Pantanal e o trabalho com certificação de produtos não-madeireiros do Programa Amazônia.

Ainda em 2007, as associações de produtores da Bacia do Alto Paraguai alcançaram os 100 mil hectares certificados.

Nos dois anos seguintes, o WWF-Brasil contratou uma outra ONG, a Aliança da Terra, para fazer o primeiro registro para monitoramento socioambiental das fazendas certificadas.

A ferramenta de análise fazia o georreferenciamento das fazendas, áreas que precisassem de recuperação ambiental, se havia alguma área contaminada com resíduos de combustíveis, fazia uma análise social e ambiental de cada fazenda para monitoramento futuro.

“Este tipo de rastreamento permite comprovar que o consumidor não está apenas comprando a carne, mas também a conservação do Pantanal. Quanto mais informações da fazenda se tem, mais consistente fica esta relação, explica Michael Becker, que coordenou o Programa Pantanal e depois o Cerrado Pantanal, entre 2008 e 2012.

O contrato de exclusividade com o JBS vigorou até 2010 e o Pão de Açúcar foi uma das redes de supermercados varejistas a comercializá-la. Com um prêmio que variou de 10% a 18%, os produtores da ABPO chegaram a abater até mil cabeças por mês.

Leonardo Barros, da ABPO, recorda que pediu ajuda ao WWF-Brasil durante a negociação com o frigorífico, que é o maior do mundo. “O WWF teve uma participação fundamental. Foi uma negociação muito difícil e sentamos na mesa com uma empresa poderosa com o JBS, mas tendo por trás uma ONG também poderosa dizendo ao JBS: compre esta carne da ABPO, uma associação pequena. Eles (WWF-Brasil) fizeram um trabalho excepcional”.



ALCANÇADOS PELAS
ASSOCIAÇÕES DE
PRODUTORES EM 2007

A pauta diversificada do WWF-Brasil na região do Pantanal incluía também o mapeamento da cobertura de vegetação nativa na Bacia do Alto Paraguai e Becker também recorda que por vezes “surgiam atritos que, no entanto, amadureceram para um aprendizado bom. Valeu a pena, porque no final das contas conseguimos trabalhar com os pecuaristas para que eles busquem novas formas de comercialização e coloquem o produto em destaque. Valeu o esforço”, avalia.

Por volta de 2009, a Aspranor experimentou uma crise interna e acabou. E em 2013, o JBS descontinuou o contrato com a ABPO. O frigorífico colocava os cortes nobres com preços maiores no mercado, mas vendia o dianteiro do boi pelo mesmo preço da carne convencional.

Barros acredita que quando o “organic beef” foi lançado havia muita publicidade sobre a questão do desmatamento da Amazônia e do papel do gado como indutor de desmatamento. “Eles precisavam dizer que tinham um produto sustentável no portfólio. Mas o grupo é muito grande, tinha outras prioridades quando o contrato terminou”.

O que é a Carne Sustentável no Pantanal

- Somente adubação orgânica de pastos;
- Uso de ureia misturado ao sal é proibido (a ureia é um derivado de petróleo e contamina o solo);
- Suplementação (ração) somente com alimentos de origem vegetal, sendo que 80% têm que ser orgânicos;
- Tratamento veterinário restrito a fitoterápicos e homeopatia;
- Proibido o uso de fogo para manejo de pastagens;
- Vacinações oficiais são obrigatórias;
- Bem-estar animal precisa ser observado;
- Pecuaristas precisam seguir e respeitar leis trabalhistas;
- Pecuaristas precisam cumprir a legislação ambiental (Código Florestal).

Depois de uma fase difícil em que alguns dos associados desistiram da carne orgânica por acreditarem que a saída do JBS seria o fim do projeto e os que ficaram se viram obrigados a vender a carne orgânica como convencional, Barros comemora o desfecho de uma negociação de dois anos com um novo parceiro que, além de distribuir seus produtos em grandes supermercados do país, tem lojas próprias no varejo e vai assumir o abate.

A Korin, conhecida por comercializar frango e ovos orgânicos, lançou em 2014 a “Carne Sustentável do Pantanal” e já anunciou o lançamento da “Carne Orgânica do Pantanal” para 2015.

“Temos de oito a 10 produtores entrando. Vamos ficar com 26 produtores agora. Estávamos mais maduros para alcançar novos voos. O momento é de reestruturação e estou terminando meu último mandato para abrir caminho para uma nova diretoria, mais jovem,” celebra o presidente da ABPO.

O consultor Fabio Ramos, que trabalha com pecuária sustentável há 30 anos, acredita que a nova parceria “vai decolar”. A Korin tem uma reputação ilibada, “não há nada que se possa dizer contra a empresa e ela já tem um nicho cativo de consumidores em busca de qualidade e produtos naturais”.

Sem exclusividade e com perspectivas de ampliar a área certificada, a ABPO já tem outro grande parceiro do varejo em vista, chegou a 100 mil hectares cadastrados e quer alcançar os 200 mil hectares até o final do ano.

O Comprador - Reginaldo Morikawa

A empresa Korin é conhecida por ter lançado o selo de frangos sem antibióticos no Brasil, por trabalhar com alimentos naturais e pequenos agricultores. Tem hoje 80 produtos próprios.

“Tivemos a primeira conversa com a ABPO em 2012 e fizemos um levantamento do hábito de consumo de carne dos brasileiros. Somos seguidores da filosofia de Mokiti Okada, um filósofo que fundou a Igreja Messiânica e ensina o respeito a todos os seres vivos.

A Korin é a primeira empresa do Brasil a ter o selo de bem-estar animal na sua produção de aves. A carne é uma iguaria, um alimento muito forte. Hoje no Brasil se consome 111 quilos/ano per capita somando a carne de frango, a carne bovina e o peixe.

Se você tem uma carne mais saborosa, mais nutritiva, que preserva o meio ambiente, que fixa o homem no campo, que ajuda a parte social, ambiental, que faz bem para a sua saúde por não ter químicos, você não precisa comer tanto. Até porque como custa mais caro, você vai comer menos.

Ela não é muito mais cara. Custa 20% a mais do que as carnes embaladas à vácuo, consideradas carnes especiais. Queremos alcançar o patamar de 400 animais por semana, de 1,5 mil a 1,6 mil novilhas por mês.

O processo orgânico da carne sustentável é seguido durante dois anos e oito meses de vida do animal, que é fêmea. Nosso protocolo exige fêmeas de até três anos. E estamos pagando pela fêmea o mesmo preço pago pelo macho, que costuma ser de 10% a 15% mais caro. Tem o lado social, do produtor e a carne mais macia da fêmea para o consumidor.

Este animal é criado no Pantanal e depois anda durante 12 a 15 dias, tocado pelo peão, seguindo as tradições pantaneiras que o pai fazia e o filho faz. A profissão dele é ser peão e isso é preservado. Quando o gado chega à fazenda de terminação, de descanso, ele fica quatro meses consumindo silagem feita de 65% de massa verde, a base de capim e 35% de grãos (milho e soja).

Aí é que entra a diferença entre sustentável e orgânico. Se forem grãos convencionais, a novilha será da linha sustentável e se for orgânico, irá para a linha orgânica.

Já abatemos há mais de um ano um caminhão de 22 novilhas por mês. O normal são 26 por caminhão, mas temos a questão do bem-estar animal. Com 22, há espaço para que elas possam abrir um pouco mais as pernas e não ficar caindo. Mas perco 20% da área do caminhão. No abate, usamos uma pistola de ar comprimido que dispara um tiro no cérebro para que haja uma morte sem dor.

Fomos aumentando o número e já estamos em 132 novilhas/mês. Chegaremos a 400/ semana em três anos.

A pretensão da Korin é produzir alimentos sustentáveis e orgânicos. Eu não quero e nem preciso de propaganda. O que eu preciso é de organismos competentes, como é o WWF-Brasil, que vai agregar consistência ao projeto. Não se trata de uma lavagem verde de imagem. O WWF-Brasil, O Grupo de Trabalho de Pecuária Sustentável, a ABPO, a Embrapa Pantanal são parceiros idôneos e por isto agregam consistência e seriedade ao projeto”.

Reginaldo Morikawa
Presidente da Korin



Paulinho de Jesus



TODOS OS ELOS DA CADEIA (GTPS E GRSB)

O primeiro país a reunir todos os elos da produção de carne em torno de uma mesa foi o Brasil. O ano era 2007 e a criação do Grupo de Trabalho da Pecuária Sustentável (GTPS) foi resultado da pressão sobre o setor financeiro para não financiar a expansão de grandes frigoríficos.

“Na época ainda existia o Bertin (frigorífico) que tinha planos de expansão e acabou sendo adquirido pelo JBS. As ONGs faziam pressão querendo saber se o aumento da produção seria em produtividade ou aumento do desmatamento. E o IFC (braço do Banco Mundial que financia o setor privado), o Santander e o Rabobank puxaram esta discussão da necessidade de uma melhor governança na cadeia de custódia da carne,” explica o presidente do GTPS, Eduardo Bastos. Já havia a previsão de que a demanda de carne iria dobrar no país – o que aconteceu.

As três entidades financeiras chamaram o WWF e duas outras ONGs, associações e federações de produtores, os três grandes frigoríficos e iniciaram um diálogo.

A formalização da mesa redonda, que reúne toda a cadeia – indústrias, associações e organizações de produtores, varejistas, fornecedores de insumos, setor financeiro, sociedade civil e academia – só aconteceu dois anos depois. E os objetivos são desenvolver uma pecuária sustentável, socialmente justa, ambientalmente correta e economicamente viável.

O grupo começou com 17 membros e hoje tem 75 associados e oito instituições observadoras.

A iniciativa do Brasil foi reproduzida nos Estados Unidos e no Canadá e há articulações para que sejam criadas mesas redondas semelhantes no México, Paraguai, Argentina, Colômbia e Austrália.

Em 2010 surgiu a mesa redonda global da carne sustentável – Global Roundtable for Sustainable Beef (GRSB), que reúne pesos pesados, como o McDonald’s, maior comprador de carne do mundo; Walmart, JBS e Cargill. O WWF está representado por um brasileiro, que também é membro do Conselho-Diretor.

Carlos Saviani, Vice-Presidente de Proteínas Animais da equipe de Sustentabilidade Alimentar do WWF nos Estados Unidos, se diverte com a primeira reação de quem descobre que ele trabalha com animais da cadeia alimentar em uma ONG ligada à conservação. “As pessoas ficam surpresas e me perguntam se o WWF defende animais de fazenda” conta. “Aí tenho que explicar que trabalhamos também com as causas dos problemas, por isso a sustentabilidade alimentar. E que a carne tem um impacto grande sobre a conservação”.

Mas a confusão entre pessoas que não lidam todos os dias com estas questões não param por aí. Há quem não saiba distinguir entre orgânico, produzido localmente ou causador de desmatamento.

Nem mesmo os especialistas chegaram ainda a um consenso sobre o que é sustentabilidade na cadeia global da carne. A GRSB acaba de definir cinco princípios e 29 critérios para que os países possam criar indicadores para monitorar se estão ou não produzindo carne sustentável.

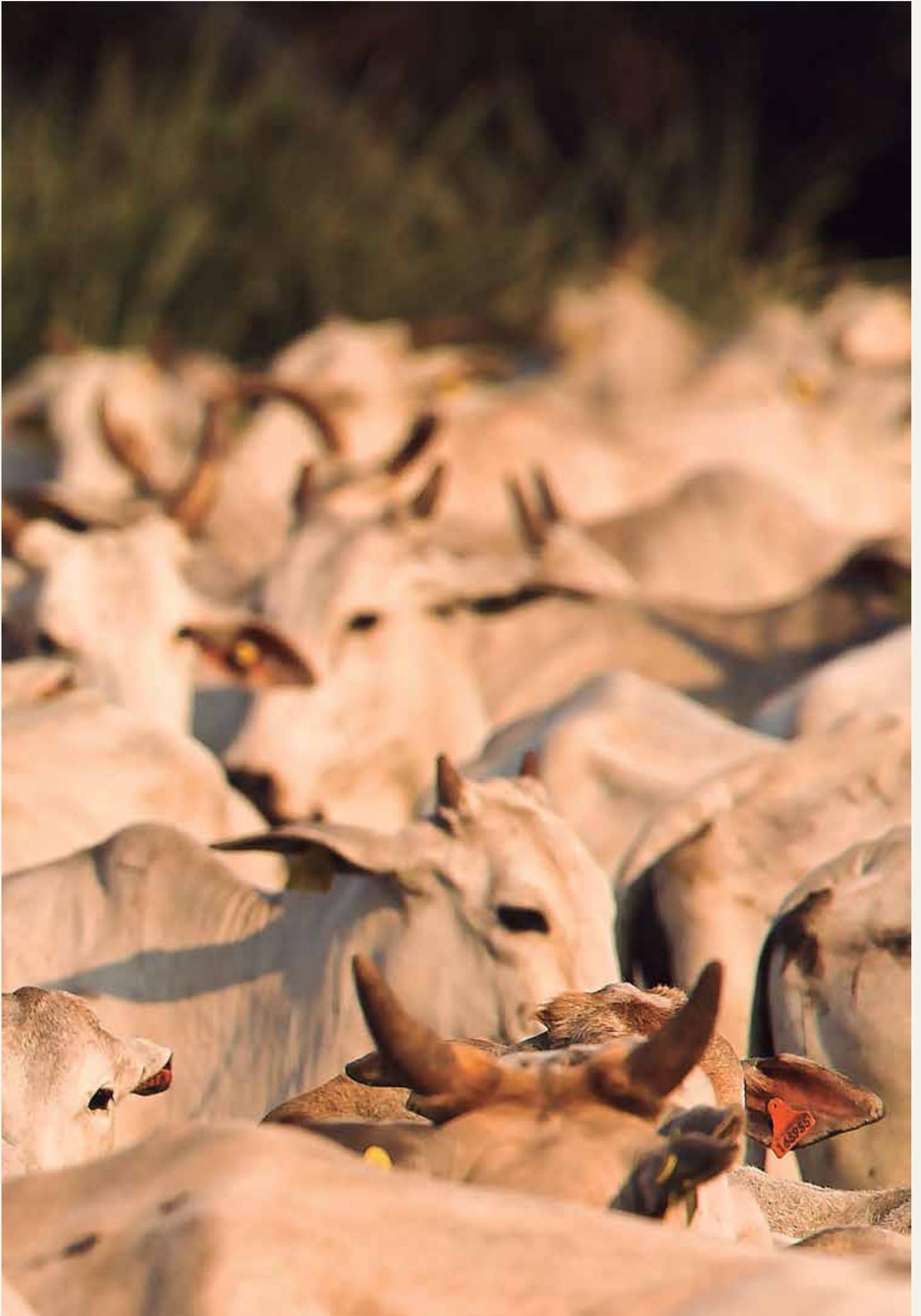
O Brasil é um dos sete países que estão testando no campo a aderência dos princípios e critérios desenhados na mesa global e ajustados aos que já existiam no GTPS – que é anterior à mesa redonda global. Dos projetos onde os indicadores estão sendo testados, um deles inclui duas fazendas da ABPO no Pantanal.

Se os resultados forem positivos, ainda este ano vai ser possível criar um padrão no Brasil definindo o que é a carne sustentável no país. E então começar a trabalhar com indicadores que terão que ser perseguidos por todos os elos da cadeia produtiva.

Como membro fundador e estimulador das mesas redondas, o WWF-Brasil tem contribuído ativamente na construção dos princípios, critérios e indicadores e buscado garantir que indicadores socioambientais efetivos seja aplicado e atinjam a maior parte da cadeia produtiva.

Está participando ativamente da elaboração do Guia de Pecuária Sustentável do GTPS, que deve ser publicado ainda este ano.

O BRASIL FOI O PRIMEIRO
PAÍS A REUNIR TODOS OS
ELOS DA PRODUÇÃO
DE CARNE



EXPANSÃO AMÉRICA LATINA

Em 2009 o WWF-Brasil começou a trabalhar com o WWF-Bolívia para ampliar a experiência do Pantanal brasileiro à Bolívia e ao Paraguai. No ano seguinte, pecuaristas do Pantanal boliviano visitaram fazendas no Brasil e iniciaram um intercâmbio de experiências com fazendas da ABPO.

A intenção era começar a trabalhar com boas práticas na produção pecuária do Pantanal do outro lado das fronteiras. Produtores brasileiros também foram à Bolívia dar palestras e demonstrações técnicas com o Instituto de Investigación da Bolívia (Instituto de Pesquisa).

O projeto do WWF-Bolívia foi iniciado com seis pecuaristas da região de San Matías, na fronteira com o Mato Grosso, no Pantanal do norte boliviano, cobrindo uma área de 25 mil hectares. O governo boliviano aderiu e está implementando o projeto de boas práticas em mais de 40 fazendas.

“Como WWF-Bolívia, continuamos participando do mesmo trabalho para elaborar as regras e critérios sobre o que são boas práticas. Eles (o governo) têm uma visão mais geral do aspecto produtivo. Continuamos trabalhando sozinhos nas primeiras seis fazendas, que serão a experiência-piloto. O governo de Santa Cruz não vai precisar sair do zero,” conta Victor Hugo Magallanes, coordenador do projeto no país.

A intenção agora é reforçar o componente do meio ambiente no projeto governamental e buscar apoio para que seja expandido.

Mas o processo foi longo. A maior parte dos pecuaristas do Pantanal boliviano tem entre 500 a três mil cabeças e são considerados medianos no país. Este é o perfil do produtor que tem um impacto negativo e o que mais desmata.

“Há 10 anos éramos vistos como o inimigo e vir para cá falar de boas práticas era considerado um ato suicida,” segundo Magallanes. Foi um longo processo de construção de relações de confiança e o primeiro parceiro foi a Associação de Pecuaristas de San Matías, na região considerada a maior produtora de carne da Bolívia.

Eles praticam uma pecuária “muito básica”, segundo Magallanes: não tinham cadastro, nenhum tipo de controle e os bois estavam todos misturados. Não faziam tratamento preventivo com vacinas e as relações com os peões eram quase de escravos”. Além do projeto, o contexto político mudou bastante na Bolívia nesta última década, com a ascensão de um indígena à presidência, com melhorias significativas nas condições de trabalho.

As exceções em termos de técnica de criação são pecuaristas grandes, que não somam mais do que 3% do total.

Resultados preliminares de um estudo encomendado pelo WWF mostram que na comparação dos três anos de introdução de boas práticas, duas das seis fazendas estão bem avançadas e já sentem a diferença nos lucros, na redução de mortalidade do gado, no aumento da natalidade e na maturidade mais precoce das vacas.

O próximo passo é sair das experiências-piloto e crescer em escala e criar um Grupo de Trabalho de Pecuária Sustentável, a exemplo da mesa redonda da cadeia da carne brasileira. “Brincamos que somos um só programa com atividades em diferentes países”, completa.

Por enquanto, os pantaneiros bolivianos ainda não têm um parceiro no varejo, mas o McDonald's, que participa da Mesa Redonda Global da Carne é o principal comprador da carne boliviana de exportação. Como a gigante do fast-food está comprometida a tornar sustentável a cadeia de produção de seu hambúrguer, “as portas estão abertas”, convida Magallanes.



PRÓXIMOS PASSOS:

Com bons resultados nas parcerias regionais, o WWF está desenvolvendo uma estratégia regional de boas práticas costurada entre o WWF-Brasil, WWF-Bolívia, WWF-Paraguai, Fundacion Vida Silvestre da Argentina e Wildlife Conservation Society (WCS) do Paraguai.

Brasil, Paraguai e Bolívia têm possibilidade de ter um modelo muito parecido de pecuária de baixo impacto ambiental. Neste ano, um encontro no Brasil buscou traçar um modelo que possa ser implementado no Cone Sul: sul do Brasil, norte da Argentina e Paraguai, no bioma Pampa. A ideia é exportar o modelo de aplicação de boas práticas na pecuária para outros biomas, como o Cerrado e o Pampa.

E ainda ampliar o leque de parcerias dentro e fora do Pantanal. No Mato Grosso do Sul, o WWF-Brasil já vem conversando com a Associação do Novilho Precoce, que está adotando as boas práticas na pecuária adotadas no projeto.

Uma das prioridades, além de fomentar e consolidar o uso de boas práticas, será estimular e auxiliar os produtores a realizarem o Cadastro Ambiental Rural (CAR), assim como levar a discussão sobre Pagamento de Serviços Ambientais para as cadeias produtivas, buscando valorar a conservação, estimular a renda e garantir que as cadeias assumam compromissos ambientais concretos.

**BRASIL, BOLÍVIA E PARAGUAI
TÊM POSSIBILIDADE DE
TER UM MODELO MUITO
PARECIDO DE PECUÁRIA DE
BAIXO IMPACTO AMBIENTAL**

Linha do Tempo

2004

- 1º Seminário sobre Pecuária Orgânica Certificada no Pantanal realizado dentro da parceria e ABPO, com apoio do Instituto Biodinâmico de Desenvolvimento (IBD) e da Federação de Agricultura e Pecuária de Mato Grosso do Sul (Famasul);
- Criada a Associação de Produtores de Animais Orgânicos (Aspranor), reunindo produtores mato grossenses da região de Tangará da Serra;
- Estabelecida parceria estratégica com a Embrapa Pantanal para o trabalho com a pecuária orgânica certificada e ABPO.

2005 e 2006

- Programa Pantanal para Sempre torna-se Programa Cerrado Pantanal;
- Pesquisadores da Embrapa Pantanal realizaram um primeiro estudo de viabilidade econômica e produtiva na Fazenda Eldorado, primeira fazenda certificada de MS;
- Realizado teste de abate do primeiro lote de gado orgânico da ABPO no Frigorífico Independência. Ainda não existia mercado consolidado para carne bovina orgânica no Brasil;
- WWF-Brasil realiza o Primeiro Estudo de Mercado para Carne Orgânica do Pantanal;
- WWF-Brasil lança primeira publicação sobre o tema: Cenário da Pecuária Orgânica Certificada na Bacia Hidrográfica do Alto Paraguai;
- Seleccionadas as 10 primeiras fazendas a serem apoiadas pelo WWF-Brasil para implantação de processos de certificação da produção de carne orgânica no Pantanal de Mato Grosso do Sul, em parceria com ABPO.

2007

- WWF-Brasil começa a estimular e apoiar reuniões para estruturar a cadeia produtiva de carne orgânica;
- Pela primeira vez uma ONG ambientalista tem stand na BioFach América Latina, maior feira de produtos orgânicos da região, divulgando o trabalho de apoio e promoção da carne orgânica certificada e a conservação do Pantanal, por meio do Programa Cerrado Pantanal e do trabalho com certificação de produtos não madeireiros do Programa Amazônia;
- Nasce o embrião do Grupo de Trabalho da Pecuária Sustentável, e WWF-Brasil se torna membro do Secretariado Interino responsável pelas ações para a criação oficial do grupo;
- Primeiros 100 mil hectares são certificados na Bacia do Alto Paraguai pela ABPO e Aspranor;

2009

- Criação oficial do Grupo de Trabalho da Pecuária Sustentável – GTPS;
- Realizada “Oficina de Definição de Boas Práticas Produtivas na Pecuária Bovina para Cerrado e Pantanal”, reunindo ONGs, produtores, acadêmicos, centros de pesquisa e representantes do governo estadual;
- Participação ativa do WWF-Brasil nas primeiras discussões sobre Princípios, Critérios e Indicadores do GTPS, coordenando a Comissão Princípios e Critérios;
- Participação na “1ª Conferência Global de Pecuária Sustentável” realizada em Denver (EUA) com apoio do WWF-USA. O Brasil enviou uma das maiores delegações, contando com a participação de diversos membros do GTPS e dois representantes do WWF-Brasil.

2010

- Tem início o processo de troca de experiências em pecuária sustentável entre WWF-Brasil, WWF-Bolívia e seus parceiros estratégicos: ABPO e Embrapa Pantanal no Brasil, e Asociación de Ganaderos de San Matias (AGASAM) e CIAT do lado boliviano;
- WWF-Brasil apoia ABPO na utilização da ferramenta de registro e monitoramento socioambiental criada pela ONG Aliança da Terra e aplicação em 100% das fazendas certificadas;
- Início da implantação dos Projetos Piloto de Boas Práticas em duas fazendas na Bacia do Alto Paraguai;
- Parceria estratégica iniciada com Embrapa Gado de Corte;
- Cartilha “Conservando água e solo – Pecuária de Corte no Cerrado”, produzida em parceria com Embrapa Gado de Corte é lançada;
- Carne orgânica é selecionada para fazer parte da merenda escolar das escolas municipais de Campo Grande.

2011

- Realização de um evento em parceria com ABPO e consultoria do Planeta Orgânico, para apresentar e promover a carne orgânica do Pantanal para potenciais clientes europeus durante a BioFach Nuremberg, maior Feira de Produtos Orgânicos do Mundo;

- Apoio a ABPO na aproximação com potenciais clientes na Inglaterra e Itália, dentre eles Mark & Spencer e Slow Food;
- Primeira participação de uma ONG como expositora no principal evento de disseminação de tecnologia da Embrapa Gado de Corte – Dinapec – Dinâmica da Pecuária, apresentando o resultado dos projetos com pecuária sustentável e boas práticas.

2012

- Realizado jantar de degustação de carne orgânica para representantes do movimento Slow Food e autoridades da região de Abruzzo na Itália;
- WWF-Brasil e parceiros estratégicos são convidados pela Governación de Santa Cruz e pelo WWF-Bolívia a contribuir com as discussões e participar do evento de lançamento do Programa de Boas Práticas Pecuárias da Governación de Santa Cruz na Bolívia;
- Lançamento em parceria com a Embrapa Pantanal da cartilha “Conservando Pastagens e Paisagens – Pecuária de Corte no Pantanal”;
- Início dos trabalhos com boas práticas pecuárias no Grande Sertão Veredas Peruaçu e seleção de uma fazenda para a implantação de uma Unidade Demonstrativa;
- Parceria estratégica estabelecida com Embrapa Cerrado.

2013

- Início da construção da Iniciativa Latino Americana de Boas Práticas Produtivas na Pecuária envolvendo Brasil, Bolívia, Colômbia, Argentina, Paraguai e Costa Rica;
- Disseminação de boas práticas em dois Institutos Federais de ensino Técnico (IFets), o IFET de Arinos e de Januária no norte de Minas Gerais;
- Início das negociações entre ABPO e Korin para a promoção da “Carne Sustentável do Pantanal”, com lançamento previsto para 2014;
- Início da contribuição ativa do Programa Cerrado Pantanal, a partir de sua experiência dos últimos 10 anos, no apoio a outros projetos do WWF-Brasil relacionados com o tema pecuária nos Programas Amazônia e na Iniciativa Água Brasil;
- Assinado Convênio de Cooperação Técnica com a Embrapa Nacional que será base para o estabelecimento de acordos locais com outras unidades da Embrapa em todo o Brasil;
- ABPO atrai novos associados e chega a 120 mil hectares certificados.

2014

- Lançamento da “Carne Sustentável do Pantanal”;
- Parceria com a ABPO permitiu a certificação de 140 mil hectares para produção de carne orgânica no Pantanal;
- O WWF-Brasil e o Grupo de Trabalho da Pecuária Sustentável (GTPS), formado por diferentes segmentos da cadeia de valor da pecuária bovina, participaram da Conferência Global Sobre Carne Sustentável, evento promovido pela Global Roundtable for Sustainable Beef (GRSB).



**FORAM CERTIFICADOS
PARA A PRODUÇÃO DE
CARNE ORGÂNICA NO
PANTANAL EM 2014**



REFERÊNCIAS

BIGNELLI, P. A.; ABDON, M. de M.; PALME, U. W.; SILVA, J. dos S. V. da. Avaliação preliminar de dados radar ERS-1 para estudos do Pantanal brasileiro. Pesquisa Agropecuária Brasileira, Brasília, v. 33, p. 1691-1701, out., 1998. Número Especial;

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente dos Recursos Hídricos e da Amazônia Legal (Brasília, DF). Plano de Conservação da Bacia do Alto Paraguai (Pantanal) – PCBAP. Brasília, 1997. Programa Nacional do Meio Ambiente. Projeto Pantanal;

SILVA, J. dos S. V. da; ABDON, M. de M. Delimitação do Pantanal brasileiro e suas sub-regiões. Pesquisa Agropecuária Brasileira, Brasília, v. 33, p. 1703-1711, out., 1998. Número Especial;

III SIMPÓSIO SOBRE RECURSOS NATURAIS E SÓCIO-ECONÔMICOS DO PANTANAL. 2000, Corumbá. Os Desafios do Novo Milênio - resumos. Corumbá: Embrapa Pantanal. 2000. 496p. il;

IV SIMPÓSIO SOBRE RECURSOS NATURAIS E SÓCIO-ECONÔMICOS DO PANTANAL. 2004, Corumbá. Sustentabilidade Regional - Anais. Corumbá: Embrapa Pantanal, 2004, [CD-ROM];

LINHARES, Sérgio & GEWANDSZNAJDER, Fernando. Biologia Hoje - Vol 3. São Paulo: ed. Ática, 1998;

Pecuária Sustentável – 10 anos de um trabalho pioneiro - http://d3nehc6yl9qz04.cloudfront.net/downloads/folder_pecuaria_baixa_portugues.pdf;

Análise de mercados interno e externo para carne orgânica da bacia pantaneira – Agrossuisse Consultoria – 2006;

Production cost of organic beef cattle production system in Pantanal – Brazil;

Urbano G. P. de Abreu & André S. Moraes - Brazilian Agricultural Research Corporation (Embrapa Pantanal), Center for Advanced Studies on Applied Economics (CEPEA), Piracicaba-SP, Brazil - Sérgio De Zen & Gabriela G. Ribeiro; World Wildlife Fund – Campo Grande, Brazil - Ivens Domingos;

https://www.embrapa.br/pantanal/apresentacao/o-pantanal?p_p_id=56_INSTANCE_p3ZV5NYPJWAb&p_p_lifecycle=0&p_p_state=normal&p_p_mode=view&p_p_col_id=column-2&p_p_col_count=2 http://www.invivo.fiocruz.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=963&sid=21_pos=1&p_p_col_count=2;

http://www.wwf.org.br/natureza_brasileira/areas_prioritarias/pantanal/;

<http://www.ministeriodomeioambiente.gov.br/biomas/pantanal/>;

http://wwf.panda.org/what_we_do/how_we_work/businesses/transforming_markets/solutions/certification/agriculture/beef/solutions/cattle_overgrazing/ (Better Production for a Living – Beef).

Pecuária Sustentável no Pantanal

10 anos (2004-2014)

2º

O rebanho de gado brasileiro é o segundo maior do planeta

TRADIÇÃO PANTANEIRA

Valorização da cultura e da tradição pantaneira são importantes para a conservação ambiental na região

PRINCIPAL ATIVIDADE

Pecuária é a principal atividade econômica do Pantanal



1º

O Brasil foi o primeiro país a reunir todos os elos de produção de carne

140 MIL HECTARES

140 mil hectares foram certificados para a produção de carne orgânica no Pantanal em 2014

	<p>Por que estamos aqui? Para frear a degradação do meio ambiente e para construir um futuro no qual os seres humanos vivam em harmonia com a natureza.</p> <hr/> <p>wwf.org.br</p>
---	--